

OS MOVIMENTOS “APARTIDÁRIOS” DURANTE A REDEMOCRATIZAÇÃO DE 1945 NO SUL GAÚCHO

EVERTON DA SILVA OTAZU¹; MARCOS CÉSAR BORGES DA SILVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – everton.otazu@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – borgescerrado@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir o perfil dos movimentos políticos autodenominados “apartidários”, na qual, participaram do processo de redemocratização no ano de 1945, na região sul do Rio Grande do Sul.

A reabertura política, ou redemocratização de 1945, foi o momento no qual o governo de Getúlio Vargas, após uma ditadura de aproximadamente 8 anos, opta por promover o reingresso do país no campo democrático. Além disso, a reestruturação democrática do país foi influenciada pelo esgotamento do regime getulista em face do contexto internacional, que era de combate aos regimes autoritários e a favor dos ideais democráticos liberais. Historicamente, trata-se de um momento político singular do país, onde diversos setores da sociedade, não apenas partidários, organizaram-se em torno do processo que se desenhava.

A organização de diversos movimentos sociais em torno da redemocratização ficou evidenciada através da historiografia consultada sobre o assunto, bem como, por meio dos jornais investigados sobre o processo na região sul gaúcha, em nosso caso os periódicos “*Diário Popular*” da cidade de Pelotas e “*Rio Grande*” e “*O Tempo*” da cidade de Rio Grande. Desse modo, encontramos, nas folhas citadas, informações sobre três movimentos, autointitulados apartidários, que se destacaram por sua atuação na região, eram eles: os “queremistas”, o Movimento Democrático Progressista (MDP) e a Liga Eleitoral Católica (LEC), cada qual com sua agenda influenciando diretamente no *campo político*¹ em disputa.

Levantado essas questões, o objetivo deste trabalho é apresentar cada movimento e sua agenda, discutindo sua ação, contribuições e interferências no campo político em formação no extremo sul brasileiro, com base nas informações coletadas nos jornais e na historiografia disponível sobre o assunto, tendo em vista que as informações encontradas sobre parte desses movimentos são escassas.

2. METODOLOGIA

A metodologia dessa investigação faz parte da utilizada na pesquisa de Mestrado em História apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, onde através da “*análise discursiva de conteúdo*” (MORAES, 2003) procuramos agrupar textos/fontes de características semelhantes num grupo comum de análise, fato que possibilitou, através da

¹ *Campo político* “[...] é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de «consumidores», devem escolher, com probabilidades de mal entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção. (BOURDIEU, 1989, p.164)”.

leitura criteriosa, uma melhor compreensão dessas particularidades. A fim de compreendermos o contexto político e social do sul do estado, optamos pelo trabalho com periódicos devido sua capacidade de registrar as aspirações políticas e culturais de um período.

O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político (LUCA, 2005, p.129).

Numa breve leitura dos jornais é possível considerá-los textos produzidos por um determinado grupo dentro de uma determinada conjuntura. Dessa forma, eles estão carregados de intencionalidade que não deve ser deixada de fora do debate histórico. Nessa mesma direção, o historiador francês Roger Chartier (2002) considera elementos como os jornais, imagens, estátuas, registros oficiais, entre outros, como *representações da realidade*, que assim como mencionado anteriormente, também estão carregados de intencionalidades, procurando legitimar os interesses de um grupo.

Os conceitos de *representação* e *campo político*, aliados a *análise discursiva de conteúdo* formam o lastro metodológico que auxiliou no desenvolvimento deste trabalho, ou seja, a concepção de método, é indissociável das concepções teóricas no campo das Ciências Humanas, por auxiliarem no diálogo com as fontes. Além disso, o uso e cruzamento de dados a partir da historiografia existente sobre o assunto foi de suma importância para construção dessa investigação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse tópico apresentaremos os movimentos citados na introdução por ordem cronológica, quer dizer, na medida que apareceram através dos periódicos. O primeiro grupo observado foi os *queremistas*, grupo formado por uma parcela significativa de trabalhadores e populares, predominantemente da zona urbana, que ao longo do ano de 1945, concomitantemente as eleições, defenderam a permanência do Presidente Getúlio Vargas no poder. Trata-se de um grupo encarado com estranhamento tanto por liberais, quanto pela esquerda e que, durante um longo período, recebeu as mais diferentes interpretações históricas. Nos limites dessa pesquisa, adotamos a abordagem construída por Jorge Ferreira (2001), que - rompendo com visões historiográficas que descrevem os trabalhadores como simples espectadores ou enquanto "massa" de manobra de líderes e governos populistas - concebe os trabalhadores enquanto agentes políticos participativos e capazes de entender e usar a seu favor a linguagem da política.

Na cidade de Rio Grande, os queremistas aparecem na mídia no mês de agosto de 1945 (*O Tempo*, 09/08/1945, p. 01). No entanto, não podemos esquecer das manifestações do mês de abril na cidade, após o decreto de anistia, onde um número considerável de trabalhadores saíram as ruas a favor de Getúlio Vargas, respondendo aos últimos comícios Pró-Anistia, que haviam atacado a imagem e a obra do presidente. Talvez fosse esse movimento o embrião do queremismo organizado na cidade do Rio Grande, em um momento que nacionalmente os trabalhadores ainda não haviam se organizado em comitês, fato que vem ao encontro da nossa leitura. Em Pelotas, os *queremistas* surgem como

movimento organizado em junho, conforme o *Diário Popular* (10/06/1945, p. 8), o que obedece o calendário estabelecido por Jorge Ferreira (2001) sobre o movimento a nível nacional. Seu principal foco na região era defender o legado varguista e pedir sua permanência através de comícios, desfiles e cartas, enviadas pelos comitês regionais diretamente ao gabinete presidencial.

Nesse contexto, o segundo grupo político a se organizar foi o Movimento Democrático Progressista (MDP). Segundo Oliveira (2001), o MDP surgiu na capital do estado, com auxílio de mocidades secundaristas e universitárias. Seu objetivo enquanto grupo político era:

[...] atingir a esfera federal, e não se posicionou a favor de nenhum dos dois candidatos à presidência da República, ficando à espera do programa de Eduardo Gomes. No mês de maio, Flores da Cunha, em reunião com vários líderes do Movimento Democrático Popular, fez tentativas de trazê-los para a frente única, objetivando apoio ao Brigadeiro. O grupo mostrou-se favorável ao convite mas, no início de setembro, dissolveu-se e seus principais fundadores, como Moisés Vellinho, Guilherme Schultz e Bruno de Mendonça Lima, entraram na Esquerda Democrática (ED). (OLIVEIRA, 2001, p. 75).

Os dois últimos fundadores mencionados, Guilherme Schultz e Bruno de Mendonça Lima, foram protagonistas do Movimento Pró-Anistia no sul do estado, respectivamente nas cidades de Rio Grande e Pelotas. Ambos, com o decreto oficial da anistia, buscaram transformar o Movimento Pró-Anistia em Movimento Democrático Progressista, migrando imediatamente de um para o outro, tendo sucesso na cooptação de alguns membros do primeiro. Ainda que o objetivo do MDP fosse alcançar o âmbito nacional, ele acabou se limitando ao regional, atingindo apenas dez cidades do estado, entre elas Pelotas e Rio Grande. Em Pelotas, a primeira notícia do movimento é do dia 27 de maio, convidando o público para uma reunião popular no dia 1º de junho de 1945². Já na cidade vizinha, o primeiro chamado é do dia 5 de julho³, quando é publicado o texto apresentando o MPD. Em Pelotas as notícias de destaque sobre o movimento vão desaparecer do *Diário Popular* ainda no mês de junho. Nos meses seguintes houveram apenas duas pequenas notas sobre a ação do MDP, uma no dia 07 de agosto, informando que o movimento estaria realizando em sua sede, no centro da cidade, o trabalho de qualificação eleitoral⁴ e outra do dia 9 do mesmo mês, noticiando que o movimento iria organizar uma ala estudantil⁵. Já em Rio Grande o MDP não desaparece dos jornais. Acreditamos que isso tenha ocorrido em Pelotas devido a partidarização do *Diário Popular*, que passa a apoiar o Partido Social Democrático (PSD) a partir de julho, fechando os espaços do jornal para outras correntes políticas.

Por último, não menos importante, a Liga Eleitoral Católica:

[...] mais conhecida como LEC, foi uma associação civil de âmbito nacional criada em 1932 por Dom Sebastião Leme, no Rio de Janeiro [...]. Seu objetivo era mobilizar os eleitores católicos para que votassem em candidatos de todos os partidos que se comprometessesem com a política social da Igreja e na defesa de seus interesses [...]. Foi dissolvida pela instauração do Estado Novo, em 1937, mas voltou a organizar-se depois da redemocratização do país, após a II Grande Guerra. (CARNEIRO JUNIOR, 2000, p. 01-02).

² *Diário Popular*, 27/05/1945, p. 08.

³ *O Tempo*, 05/07/1945, p. 04; *Rio Grande*, 06/06/1945, p. 02.

⁴ 07/08/1945, p. 08

⁵ 11/08/1945, p. 06

Na verdade, a LEC foi organizada durante a redemocratização, exercendo a missão de “aconselhar” os seus devotos sobre quais partidos poderiam receber ou não o seu voto. Não encontramos nenhum estudo sobre a ação da LEC no Rio Grande do Sul. No entanto, os jornais vão deixando claro que o papel desse grupo é de patrulhamento ideológico dos católicos, operando nos níveis mais baixos, procurando atingir a consciência do indivíduo. Os registros que permitiram à análise do movimento na região foram encontrados nos jornais riograndinos, nos quais fica evidenciado a sua ação não só naquela cidade, mas também, em outras, como por exemplo Pelotas, Santa Maria e Porto Alegre. Do mesmo modo, foi possível detectar o inimigo comum da LEC no estado, o Partido Comunista Brasileiro (PCB). De todos os aconselhamentos passados pela LEC o principal e indispensável era de que nenhum católico deveria votar no PCB, sob pena de ferir os princípios cristãos.

Com a apresentação dos três movimentos acima encerramos a proposta desse tópico. Esperamos ter elucidado as agendas e as características dos mesmo.

4. CONCLUSÕES

Com base na discussão realizada anteriormente, é possível aferir algumas questões pertinentes sobre o tema proposto. Uma delas diz respeito ao envolvimento partidário desses movimentos. Embora a *representação* construída por alguns desses grupos fosse de não envolvimento partidário, podemos perceber que existia contato com algumas correntes partidárias ou mesmo a preferência por alguma legenda, como por exemplo na inclinação udenista do MDP ou na orientação anticomunista da LEC. Esse fato influenciou diretamente no arranjo de forças dentro do *campo político* em formação. Além disso, não podemos deixar de mencionar os queremistas, que com a fundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) passam a integrar suas fileiras. Por fim, gostaríamos de mencionar que este trabalho é uma pesquisa original dentro da historiografia do sul gaúcho, cuja colaboração é significativa para a compreensão da gênese política da região.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.
- CARNEIRO JUNIOR, R. A. **RELIGIÃO E POLÍTICA: a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições 1932-1954**. Dissertação de Mestrado, UFPR, Curitiba, 2000.
- CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.
- FERREIRA, J. (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2008. p. 111-153.
- MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência Educação, Bauru, SP, v. 9, n.2, p. 191-211, 2003.
- OLIVEIRA, L. M. de. **“O preço da liberdade é a eterna vigilância”: a UDN no Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado, PUC-RS, Porto Alegre, 2001.